

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**

**CURSO DE PSICOLOGIA**

Beatriz Sanches Bargo

**EROTISMO E PERDA:  
REVERBERAÇÕES TEÓRICAS EM A OBSCENA SENHORA D**

**SÃO PAULO**

**2022**

BEATRIZ SANCHES BARGO

EROTISMO E PERDA:  
REVERBERAÇÕES TEÓRICAS EM A OBSCENA SENHORA D

Trabalho de conclusão de curso em  
Psicologia da Faculdade de Ciências  
Humanas e da Saúde da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo  
(PUC-SP).

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Beltrina Côrte

**SÃO PAULO**

**2022**

## RESUMO

BARGO, Beatriz Sanches. **Erotismo e perda: Reverberações teóricas em A Obscena Senhora D.** Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2022, 45p.

O presente trabalho propõe uma leitura de “A Obscena Senhora D,” livro escrito por Hilda Hilst, a partir da psicanálise, com o objetivo de explorar os índices de representação do luto e a utilização da linguagem obscena para ilustração da categoria erótica. Faz-se também questão de comentar a forma do discurso adotado pela autora, visto a importância expressividade da escrita para compreensão dos fenômenos estudados. Após o aprofundamento na forma adotada no texto de Hilda Hilst, o trabalho se desdobra em outros dois pontos de análise. A presença do erotismo na obra é estudada a partir da ótica de Georges Bataille, estudioso cujas noções são comumente aproximadas à psicanálise. Na sequência é tecido um elo entre seus apontamentos e a teoria das pulsões, introduzida originalmente por Freud. Transicionando para o campo psicanalítico o estudo procura compreender a elaboração do luto expressa por meio da escrita, tomando-a como vertente de sublimação pulsional. O embasamento teórico desse trabalho é na teoria psicanalítica freudiana e conta com algumas contribuições de Lacan. A análise documental da obra de Hilda Hilst se faz a partir do livro mencionado com amparo de algumas entrevistas e artigos que retomam o trabalho da autora. Ao mesmo tempo é compreendida e articulada a dimensão do erótico, em um diálogo entre a leitura batalliana e a psicanálise.

**Palavras-chave:** Luto; Erotismo; Hilda Hilst; Psicanálise; Escrita.

## **ABSTRACT**

The present work proposes a reading of “A Obscena Senhora D,” a book written by Hilda Hilst, based on psychoanalysis, with the aim of exploring the indexes of representation of mourning and the use of obscene language to illustrate the erotic category. It is also important to comment on the form of discourse adopted by the author, given the expressive importance of writing for understanding the phenomena studied. After delving into the form adopted in Hilda Hilst's text, the work unfolds into two other points of analysis. The presence of eroticism in the work is studied from the perspective of Georges Bataille, a scholar whose notions are commonly related to psychoanalysis. Subsequently, a link is woven between his notes and the theory of drives, originally introduced by Freud. Transitioning to the psychoanalytic field, the study seeks to understand the elaboration of mourning expressed through writing, taking it as an aspect of instinctual sublimation. The theoretical basis of this work is in Freudian psychoanalytic theory and has some contributions from Lacan. The documentary analysis of Hilda Hilst's work is based on the book mentioned with the support of some interviews and articles that resume the author's work. At the same time, the erotic dimension is understood and articulated, in a dialogue between Batallian reading and psychoanalysis.

**Keywords:** Mourning; Eroticism; Hilda Hilst; Psychoanalysis; Writing.

## **AGRADECIMENTOS**

Para todas as pessoas que me desafiaram a sentir mais.

A meu pai, Cesar, agradeço e dedico esse trabalho. Nunca me senti muito próxima da escrita acadêmica, talvez porque no meu histórico ela sempre foi justificativa para você estar longe. Mas nessa ocasião ela foi tópico de conversa e o encontro de um lugar em comum. Então obrigada por me acompanhar nessa e tantas outras transformações que permeiam o estudo e a escrita.

Agradeço também minha mãe, Sandra, que me deu suporte, sem hesitar em me lançar à desafios. Que demonstrou, a exemplo de si, como ser curiosa sobretudo e persistir em trajetórias difíceis.

Agradeço ainda a minha tia Simone, meu porto seguro na insana capital paulista. Obrigada pela escuta, mesmo que atravessada por uma reunião, um atraso ou um cachorro latindo, não teria conseguido sem você.

Agradeço também meus amigos, que me deram ouvidos nessa epopeia e que me permitiram ouvir.

Finalmente, agradeço muitíssimo à minha orientadora Beltrina pela paciência e parceria nessa empreitada. Sua orientação foi ímpar e as conversas contigo um prazer! Muito obrigada!

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I - FLUXO DE CONSCIÊNCIA, RECURSO ENTRE A PSICOLOGIA E A LITERATURA .....	8
CAPÍTULO II – ELEMENTOS DA OBRA E ANÁLISE .....	14
1. CATEGORIZAÇÃO DA OBRA .....	14
2. EROTISMO EM A OBSCENA SENHORA D. ....	16
3. O MOVIMENTO PULSIONAL E A TRANSGRESSÃO.....	21
4. LUTO EM A OBSCENA SENHORA D.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	31
REFERÊNCIAS .....	33



## INTRODUÇÃO

Os últimos dias chegam a março de 2020 e a ausência do convívio social se faz notar. O grupo de amigas que se encontrava com frequência nos pátios, escadarias e bares da faculdade está disperso com dezenas de quilômetros entre si. Eis que umas poucas se movimentam na direção da escrita. Timidamente convocando umas às outras a dividir seus pensamentos e anseios sobre o atormentado momento.

No período de um ano minhas colegas e eu nos encontramos online mensalmente para trocar bilhetes, anotações, ensaios, contos, poemas e prosas. Nossos encontros remotos eram de aquecer o coração depois do baque coletivo que foi a emergência pandêmica. Foi através delas que resgatei meu interesse por Hilda Hilst. Nosso último projeto antes da dissolução do grupo de escrita foi a construção coletiva de uma a partir do seguinte trecho de *A Obscena Senhora D*:

“Tens uma máscara, amor, violenta e lívida, te olhar é adentrar-se na vertigem do nada, iremos juntos num todo lacunoso se o teu silêncio se fizer o meu, por isso falo falo, para te exorcizar, por isso trabalho com as palavras, também para me exorcizar a mim, quebram-se os dutos dos abismos, um nascível irrompe nessa molhadura de fonemas, sílabas um nascível de luz, ausente de angústia melhor calar quando teu nome é paixão” (HILST, 2020, p. 39-40)

Confesso aqui e somente aqui, em respeito à autoridade que busco exercer nessa discussão, que não tinha ideia do que ela estava falando. Digo, a passagem convoca à certo tema, mas desconhecia a proposta do livro inteiro. Infelizmente, uma pretensão adolescente me invadiu momentaneamente e não pude perguntar às minhas companheiras do que se tratava o resto da história. Fiz como a maioria dos graduandos e apostei no senso de superioridade coletiva com o qual nos julgamos. Sabe, quando você sorri e acena para que o outro preencha a lacuna do silêncio com a informação faltante? Pois então,

aparentemente todas usamos dessa técnica porque ninguém explicou coisa alguma do restante do livro e saímos do encontro assumindo que alguém sabia do que se tratava, mas sem certeza alguma.

Em retrospectiva repreendo minha mesquinhez, mas nesse caso ela foi para bem. Semanas depois havíamos composto três textos a três. Cujos assuntos, pasmem, eram término ou morte, justamente o tema central da obra *A Obscena Senhora D.*, 1982, e foi aí que a autora me laçou. Nesta obra a protagonista Hillé vive a perda de seu marido Ehad, enquanto se isola da comunidade em que vive. O trabalho de Hilda Hilst convoca o leitor por diversas razões, a excelência da prosa, a obscenidade da poesia, a complexidade dos personagens, a linguagem escrachada e irreverente... a mim, dentre as citadas atraí também o discurso em fluxo de consciência.

Esse estilo de escrita foi recentemente levado ao extremo por Lucy Ellmann, escritora estadunidense, que em 2019 publicou *Ducks, Newburyport*, um calhamaço de 1030 páginas quase exclusivamente nos moldes do recurso. Entretanto, muitas autoras notáveis fizeram trabalhos brilhantes no gênero. Entre as mestras brasileiras estão Clarice Lispector e Hilda Hilst, sendo a expressão literária da última razão de análise deste trabalho.

No entanto, vale comentar o tom dessa análise, uma vez que optei por me aproximar do ensaio e flertar com uma linguagem menos formal. E me apoio nas colocações de Isidoro Alves ao fazê-lo. O autor busca referência e Marcel Mauss ao defender um modo de trabalho menos limitador. Segundo ele, Mauss inova, “seguia um método de comparação precisa” (1974, p. 43) ao lidar com material de diferentes áreas, mas com atenção mais do que redobrada para os limites de sua comparação (ALVES, 2015, p.14). O método citado possibilita a expansão dos estudos das ciências humanas para além de seu campo originário e uma composição integrativa dos estudos. Para mais, ao distanciar-se das amarras estruturais cria-se espaço para outros métodos de escrita. A forma de um texto o modela profundamente, influenciando o modo como se conecta com o leitor. Essa atenção à forma é o tema do primeiro capítulo deste trabalho, que se dedica ao fluxo de consciência enquanto recurso estilístico.

Um de seus aspectos mais surpreendentes é a capacidade de pintar cenários e evocar cenas intimamente relacionadas ao estado psíquico do personagem. A fluidez impressionista desta técnica trabalha com a cronologia inerente ao discurso para avançar a narrativa, deixando emergir os elementos de sentido em seu desenvolvimento.

O encadeamento de ideias é resultado dessa característica intrínseca da linguagem, e a autora sabe manusear tão bem que cria a sensação de metacommentário. Por exemplo na passagem anteriormente citada: “[...] iremos juntos num todo lacunoso se o teu silêncio se fizer o meu, por isso falo falo, para te exorcizar, por isso trabalho com as palavras, também para me exorcizar a mim [...]” (HILST, 2020, p.39) a justaposição do acontecimento “iremos juntos num todo lacunoso” com a ação dela de falar é circunstancial, mas ela adentra em meio ao texto no assunto como quem é tomada de supetão pela realização de que a evitação da falta é a razão de seu trabalho com as palavras. Essa proposição, que transcende a própria prosa, uma vez que soa como a voz da autora se descolando da personagem, é apresentada sob um falso senso de espontaneidade característico do fluxo de consciência.

Esse elemento de aparente verborragia é o que dá a sensação do livre pensar e o que se comunica tão bem com a forma atual de experienciar a leitura. Torna-se convidativa pelo turbilhão de palavras contidas em trechos curtos, conferindo a sensação de que o texto foi digitado às pressas à medida que os pensamentos resultavam de um atravessamento qualquer. Ela mobiliza tal qual o texto errático do seu tio reacionário, mas com a curadoria e edição que ele certamente não fez. A justaposição de imagens criada por essas autoras é cuidadosamente selecionada, o que hoje se comunica com a estrutura das redes sociais, aludindo ao jogo da autenticidade editorial e falsa espontaneidade.

Hilda Hilst, em particular, se destaca pela fusão da corporeidade com a linguagem expressiva adotada em seu texto. Sua descrição do corpo evoca presença, algo inestimável para uma juventude ansiosa que cresceu habitando dois espaços no mundo, um dos quais virtual, que não exige o contorno da carne. Talvez, por pertencer a dita juventude, seja essa mais uma razão pela qual me deixo afetar pela prosa da autora. Valorizando a materialidade do contato, Hilda

Hilst coloca sua protagonista Hillé na posição de resgatar a presença do falecido marido através dos diálogos e insinuações sexuais a ele direcionadas, como nota-se no seguinte trecho:

“H: Ehud morto possuído de Deus é um todo de carne repulsiva, um esgarçoso de brilho e imundície, Ehud tuas unhas limpíssimas escovadas a cada dia, tua lisa mucosa, o entre que cuidavas, as omoplatas retas, os pés de Ehud, longos, sóbrias as curvas das arcadas, os pequenos espaços do teu corpo de carne são do Todo poderoso agora propriedades, como estão, Ehud, teus pequenos espaços de carne? Teu esôfago, tua língua, e os pelos de tuas sobrancelhas eriçadas, e as pálpebras pálidas, e as mãos e as palmas? E o sexo, Ehud?”

E: se cuidasses eu pouco do teu corpo, Hillé, andas curvada

H: o que é corpo?” (HILST, 2020, p. 27)

Ele prossegue nesse trecho pleiteando que ela cuide de si, evocando a memória conjunta de quando se exercitavam caminhando pela vila de sua morada. Vê-lo ansiar pela saúde de Hillé sendo o morto da relação é notar vestígios de autocuidado da protagonista. Hillé é comumente chamada de “Porca”, “sapa velha” pelos vizinhos, uma vez que sua relação com eles desmoronou. Nesse sentido, é como se junto a ele tivesse ido embora a atenção que ela dispunha para a própria carne, ainda que resida nessa. O que é curioso é que todo o diálogo entre os dois parte dela.

A questão do erótico é também bastante presente nessa obra. Para analisá-la este trabalho consulta a obra de Georges Bataille, pensador do séc. XX que, acreditando que o discurso científico não pode apreender o real significado do erotismo por concebê-lo como um objeto exterior ao próprio discurso (BATAILLE, 2013[1957], p.60), crê que a única via de apreensão da experiência erótica é a contemplação poética, não encontrando sua autoridade na atitude moral, nem no saber científico (MARTIN, 2014, p.14).

Além de seu alinhamento intelectual com a potência da escrita poética Georges Bataille transitou entre a filosofia, a sociologia, a psicanálise e a literatura, o que o torna candidato ideal para a composição desse trabalho. Seu trabalho em *O Erotismo*, 1957, possui paralelos à teoria das pulsões no que diz respeito aos polos do interdito e da transgressão. A relação entre o erótico e a morte é amplamente explorada no livro de Hilda Hilst aqui analisado, assim como é feito na obra de Bataille mencionada.

Entretanto, é importante considerar o tempo histórico da escrita do texto deste autor aqui utilizado. Ainda que sejam proposições à frente de seu tempo, me deparei com a centralidade da figura masculina em detrimento da autonomia da mulher em certas colocações. Visto isso, faço uma leitura que aproveita a reflexão acerca das questões metafísicas entranhadas na relação erótica entendendo o ser humano de forma plural. Essa contextualização histórica é retomada no trecho desse trabalho que dá enfoque à questão do erotismo na obra.

Para aprofundar o embasamento teórico, esse trabalho se dispõe em dois tempos. O primeiro é um estudo da forma, compreendendo o fluxo de consciência enquanto recurso que habita a intersecção da literatura com a psicologia e a riqueza que ele confere ao texto hilstiano. O segundo é a disposição analítica da obra em questão, no qual há uma subdivisão com diferentes enfoques e respaldos teóricos. Esse capítulo conta com a caracterização da obra estudada, em seguida se demora no entendimento da proposição da obra e sua filiação à questão do erotismo de Bataille. Esse, por sua vez, está articulado com a teoria pulsional psicanalítica. Finalmente, a discussão recai sobre o diálogo da obra com a compreensão psicanalítica acerca do luto. As considerações finais deste trabalho se propõem compilar o espaço em comum encontrado entre as formulações teóricas e artístico-expressivas, dada a intersecção do campo pulsional com as formulações bataillianas, ambas ilustradas pela obra de Hilda Hilst.

Esse trabalho se apoia fortemente no entendimento de que a produção acadêmica é rica em sua sistematização de conhecimentos, no entanto, ao que

se refere à apreensão visceral dos fenômenos e ao potencial catártico da escrita se vê, ao menos na atualidade, longe de ser a melhor opção. Nesse lugar, que explora o tornar-se autor e a experimentação da palavra, se prezam os deslocamentos pela linguagem enquanto veículo de novos engendramentos de si. Por partir de um movimento do íntimo desejo e de mobilização de afetos a impessoalidade e frieza do texto acadêmico o impede de alcançar esse destino. Contudo, ao colocar as formulações aqui analisadas ao lado de manifestações artísticas os textos ganham complementariedade.

Vários elementos contribuíram para a escolha da psicanálise como base teórica para essa produção. Dentre elas está a proximidade das discussões psicanalíticas com os enredamentos linguísticos, assim como o posicionamento do campo em relação a linguagem poética. Como Freud mesmo pontuou:

"Os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar."  
(FREUD, S., 1980 [1907], p.147-159.)

A expressão artística de Hilda Hilst faz a ponte com fenômenos descritos por suas referências na filosofia e inspirações literárias de modo singular. E é esse o lugar do artista, com um pé na teoria e outro na vivência. A linguagem utilizada em seu texto é fluida, permitindo o deslocamento das memórias. O mais impressionante é a intencionalidade envolvida na escrita. Ela impulsiona o movimento, a corrida incessante em busca da próxima cena.

Visto que a escrita de Hilda Hilst se aproxima, em questionamentos e efusões narrativas, das discussões mais fundamentalmente humanas é importante poder aliá-la a outros campos que também caminham por essas vias de pensamento, nesse caso, a psicanálise. A própria autora parece se dispor a análise psicológica quando opta por escrever em fluxo de consciência. A imersão nesse modo de escrever sugere um trabalho imenso de autoconhecimento e refinamento linguístico que precisou ser feito para que a construção das cenas evocasse tão precisamente a sensação de habitar uma lembrança.

Observando os diálogos de Hillé e Ehad isso se observa facilmente. A partilha das palavras em conversação promove uma troca imediata entre o par. Porém, rompe com qualquer objetivismo pragmático ao lidar com o fato de que ele se foi. A conversa, ao mesmo tempo que aborda o autocuidado que ela necessita, é um escape da realidade. Ele implora para que ela deixe de tocar alguns assuntos e pressiona um desacoplamento de seus seres.

Eles discutem sobre quem ele é em meio a sua partida “[...] eu Ehad não sou esse que vivencias em ti, és Hillé apenas, Hillé que pode ser feliz só sendo assim tocada, não é bom? [...]” (HILST, 2020, p. 45) E por vezes a prosa torna indiferenciável o que é lembrança, o que é desejo e o que é presença. Esse efeito captura o leitor, tomado pelo fluxo de consciência de Hillé, imergindo-o em sua experiência.

Minha proposição nesse trabalho é de que operando esses elementos da linguagem Hilda Hilst se aproxima de formulações teóricas acerca do processo de luto sem recorrer à aridez do discurso cientificista, assim como o faz com a demonstração da potência erótica.

A interlocução com a produção literária torna possível pensar um caminho para uma psicanálise mais subversiva, descolada da sisudez acadêmica, e cabível a outros espaços. Tal qual a livre associação usada em setting analítico, o fluxo de consciência textual promove o descolamento dos significantes, de modo a fazer desaguar sob a página o que havia ficado nas barragens, produzindo insights.

## CAPÍTULO I

### FLUXO DE CONSCIÊNCIA:

#### RECURSO ENTRE A PSICOLOGIA E A LITERATURA

Para que possamos analisar o conteúdo expresso na obra *A Obscena Senhora D* é necessário explorar a forma que o discurso toma no livro. Para tanto, se faz necessário debulhar o recurso do fluxo de consciência. Esse modo de escrita é especialmente próximo das discussões psicológicas, se fazendo ideal para explorar a interlocução entre psicanálise e literatura. Entendo a psicanálise como especialmente potente à medida que sua aproximação com a literatura remonta à gênese de suas principais formulações teóricas. No entanto, o estilo do fluxo de consciência, recurso fundamental para a análise aqui realizada, advém de outra frente de estudos da mente humana.

O termo apareceu inicialmente no campo da psicologia como expressão que conferia uma dimensão de continuidade para o pensamento. Os primeiros registros da técnica ocorreram nas últimas décadas do século XIX, existindo algum debate a respeito de quem teria cunhado o termo dentre os psicólogos da época. No entanto, a primeira aparição em publicação no campo da psicologia é atribuída à William James, filósofo e psicólogo funcionalista, em 1884. Seu artigo "On Some Omissions in Introspective Psychology" (*Algumas Omissões da Psicologia Introspectiva*, tradução livre) inaugura a ideia dando ênfase ao aspecto da continuidade do pensamento. Ele define a expressão da seguinte forma:

"O primeiro e mais importante fato concreto que cada um afirmará pertencer a sua experiência interior é o fato de que a consciência, de algum modo, flui. "Estados mentais" sucedem-se uns aos outros nela. Se pudéssemos dizer "pensa-se", do mesmo modo que "chove" ou "venta", estaríamos afirmando o fato da maneira mais simples e com o mínimo de presunção. Como não podemos, devemos simplesmente dizer que o pensamento flui."  
(JAMES, 1892, p.140)

A leitura de James parte de uma psicologia funcionalista, cuja tradição afilia a mudança dos comportamentos à evolução humana. Suas conceituações pertencem a um período específico do desenvolvimento do campo de pensamento que intercala ciência e reflexões a respeito da mente humana. Ainda que a contribuição de William James tenha sido fundamental para a introspecção da literatura, o conceito de consciente compreendido nesse trabalho está em alinhamento com a teoria psicanalítica.

O nascimento da psicanálise, junto ao fervor científico no final do século XIX, foi fundamental para a transformação da literatura no período subsequente. A transição do termo entre campos conta com uma flexibilização do entendimento da psique que se atualiza com o desenvolvimento dos campos, é inegável que a ascensão da psicanálise como campo de estudo tenha se infiltrado no linguajar dos autores, tornando a mais adequada abordagem para explorar o relacionamento entre as vivências romantizadas e o funcionamento psíquico que ensaiam. Em seu artigo *A questão da análise leiga*, de 1926, Freud menciona como a literatura é um componente fundamental para a formação de um bom analista. A isso acrescento que os romances psicológicos, aqueles caracterizados por explorarem os estados psíquicos dos personagens, são uma excelente fonte de descrição da experiência “interna”, podendo auxiliar na compreensão dos mecanismos psíquicos. Melhor ainda são os que fazem uso do fluxo de consciência para entranhar-se nessa dimensão subjetiva.

A expressão estreou no campo literário em 1887, quando é utilizado pelo escritor e dramaturgo francês chamado Édouard Dujardin na obra *Les Lauriers Sont Coupés* (Os Loureiros Estão Cortados). O romance se passa no decorrer de seis horas em que acompanhamos o jovem protagonista apaixonado. O autor inclui os mecanismos de pensamento do personagem na trama, de modo que confere *insight* sobre suas motivações para o leitor.

Há uma confusão quanto a nomenclatura em si. Uns tratam como técnica, outros como gênero literário. O escritor norte americano Robert Humphrey coloca que “Nunca sabemos se está sendo usado para indicar o pássaro da técnica ou a fera do gênero e somos tomados de espanto ao saber que a criatura designada é, na maioria das vezes, uma monstruosa combinação de ambos”

(HUMPHREY, R., 1976, p.1). Ainda assim, entramos em contato com a referida criatura ao presenciarmos um aparente vazamento das estruturas de pensamento sobre as páginas. Ele observa ainda que a ficção psicológica se ocupa da apreensão racional e comunicável do ambiente interno do personagem, mas o fluxo de consciência expande a intersecção com o funcionamento do psiquismo ao introduzir a dimensão atenta.

No que se refere à obra aqui estudada, cabe adotar a visão estabelecida por Cinara Guimarães, 2007, na definição de pertencimento a gênero literário da escrita hilstiana. Ela ressalta a pontuação do crítico Cláudio Carvalho (1999) ao colocar que a prosa hilstiana pode ser considerada como um texto holístico por não poder ser classificado facilmente em gênero literário algum, pois é uma espécie de gêneros literários: é dramático, com as devidas rubricas seria um monólogo pronto para ir ao palco, é um tipo de poema lírico e também uma narrativa curta que não chega a ser um conto, nem romance ou novela. Ainda de acordo com a autora, nessa obra o fluxo de consciência por meio do qual Hilda Hilst transmite os pensamentos da personagem funciona, pois, como representação da fragmentação vivida por Hillé, nossa protagonista, ao se entregar à sua busca pelo divino.

Quando analisamos a concomitância entre a descoberta da psicanálise e a criação da escola do fluxo de consciência é possível observar a influência de uma sobre a outra. O redirecionamento das perguntas de cunho psicanalítico para os acontecimentos internos do ser é um marco na história do conhecimento que afeta fundamentalmente esse estilo literário. A descoberta do inconsciente por parte de Freud torna a noção de uma vida psíquica paralela ou irreverente mais aprazível, podendo ser tomada como objeto de exploração em romances centrados na vida psíquica dos personagens.

É inegável a simultaneidade entre a gênese da psicanálise e essa introversão da literatura. Há um enlace das vinhas psicanalíticas na trama literária, considerando-se o uso da obra de Sófocles com o conhecidíssimo Édipo para as formulações teóricas freudianas. Também as recorrentes alusões aos trabalhos Shakespearianos e as demais análises de psicobiografias de obras tanto clássicas quanto modernas. O comentário literário acompanha as

renovações da psicanálise, sendo exercido por diversos autores em suas contribuições para a teoria. É o caso do Seminário 23 de Lacan, no qual ele aborta a escrita de James Joyce, que também faz uso da técnica aqui discutida, para conceituação da *lalíngua*, conceito criado para abordar o efeito da linguagem no sujeito.

A literatura trabalha a potência de renovação da linguagem. Os inesgotáveis enredamentos disponíveis se mantêm à beira da captura da experiência humana, à medida que é autorizada a conjecturar qualquer narrativa. Tais desdobramentos linguísticos são capazes de registrar processos compatíveis aos conceituados na teoria psicanalítica. O entrelaçamento dos campos possibilita o acesso e análise de conflitos e sofrimentos sem a limitação com *setting* analítico. Ademais, a literatura acessa uma infinidade de eventos internos que de outra forma permaneceriam encobertos. Nesse trajeto, a escrita, como moduladora dessa potência, é operada por aquele que se torna autor.

Pensando na estrutura textual que formula a técnica é notável como a justaposição vocabular promove sentido. Essa marca vem do recorte sempre impreciso das palavras na tentativa de abarcar a totalidade dos fenômenos descritos. O interessante no uso da técnica está no mecanismo metapsicológico entranhado no ato de escrever, em se tratando do resultado dos processos psicológicos se explicitando em manifestação material. Essa dimensão é um dos elementos mais atrativos do gênero na atualidade, uma vez a prática do metacommentário é extremamente familiar às gerações que são nativas digitais, que vem ao mundo sob constante documentação e registro de suas manifestações.

A verborragia representada pelo fluxo de consciência diz de um lugar de indefinição, mas também de contato com os variados estímulos do mundo. A descrição de ações, por exemplo, carrega a paixão do ato. Trata-se da tentativa de apreensão desse lugar de contato em indivíduo e o mundo, de captura do espaço no qual ele está ambientado e de sua atuação sobre ele. A exemplo desse diálogo entre Hillé e Ehad:

“[...] por que fecha sempre as janelas?

e por que devo abri-las?

e por que as abre de repente e assusta as gentes  
e grita?

o corpo é quem grita esses vazios tristes

por que não alimenta o corpo com benquerença,  
aceitando o agrado dos outros?

porque o corpo está morto

e a alma?

a alma é hóspede da Terra, procura e te olha os  
olhos agora, e te vê cheio de perguntas [...]”  
(HILST, 2020, pp. 23-24)

Aqui, o tensionamento proposto pela Senhora D. implica que a presença no mundo resulta em questionamento. A personagem se vê dissociada, cindida entre o ser material e a parte etérea. Enquanto a segunda se isola do mundo, com o fechamento das janelas, a primeira irrompe em meio a dúvidas provindas da presentificação do corpo.

Independente de um recorte temático nas obras que fazem uso do fluxo de consciência, é possível identificar a interação dos estímulos, a manipulação e influência que tem uns sobre os outros, influenciando o trajeto da mente, que, por sua vez, influencia os objetos que toca. A técnica se faz na descrição dos desdobramentos presentes na vida do personagem. Emergem da vida psíquica como elementos da consciência, em certos trechos é possível identificar relações entre ideias que fogem ao que seria gramaticalmente ideal para conferir sentido.

A exemplo desse trecho; “queria escapar, Ehad, a boca numa fome eterna de tua boca, a vida era resplendor e prata, demasiada rutilância se tu me tocavas, e sinistra e soluçosa e nada quando tu não estavas” (HILST, 2020, p. 39) a autora resgata atribuições de pensamento em meio a uma segunda linha de raciocínio, inserindo lembranças dentro do clamor central. Ao mencionar como era a vida passada do casal em comentário da vontade de escapar ela exerce um tipo de reminiscência, como se lhe viesse à mente uma lembrança que está a escapar da consciência.

O conceito de reminiscência na psicanálise participa de uma das primeiras formulações freudianas quanto a histerias. Em 1909, durante uma conferência dos Estados Unidos, o psicanalista propõe que “as histéricas sofrem de reminiscências”. De modo a expor que essa lembrança afastada da consciência se manifesta através do sintoma. Ele usa o conceito para compreender os sintomas dessas mulheres que adoeciam sem razão orgânica aparente. Assim, se Hillé adentrasse um consultório é muito possível que a conversa corresse no sentido de resgatar parte dessas lembranças, na tentativa de trazer à consciência esse objeto perdido que tem tangenciado sua fala e seus comportamentos.

Esse é o tipo de aproximação analítica entre o texto em fluxo de consciência e a psicanálise que proporcionam a exploração de conceitos e o livre pensar. Há ainda que se contextualizar as especificidades da obra com o momento da teoria, de modo a não cometer inferências descabidas sobre o enlace dos textos. No entanto, em matéria de estudo é possível identificar que ao operar certos elementos de linguagem a autora se aproxima de formulações teóricas sem recorrer à formulação acadêmica.

## CAPÍTULO II

### ELEMENTOS DA OBRA E CONTRASTE ANALÍTICO

#### 1. Categorização da obra

Em *A Obscena Senhora D.*, Hilda Hilst introduz o universo de Hillé, uma mulher que acaba de perder o esposo e se encontra imersa na dor da perda. A protagonista da prosa-poética narrada em fluxo de consciência se vê alienada de sua comunidade e completamente sozinha. Enquanto vive no vão da escada alimentando peixinhos de papel pardo em seu aquário, começa a se envolver em um redemoinho de lembranças tempo em que elabora os mais profundos questionamentos acerca da vida.

O romance lançado em 1982 é visto como ponto de virada na obra da autora que passa a experimentar o aspecto mais eroticiado da literatura, o que irá em alguns anos culminar em sua fase pornográfica. Hilda Hilst nasceu em Jaú, interior de São Paulo, em 21 de abril de 1930. Em 1932, mudou-se com a mãe e o meio-irmão para Santos depois da separação de seus pais, Apolônio de Almeida Prado Hilst e Bedecilda Vaz Cardoso. O pai continuou a residir em Jaú, fazendo algumas visitas à filha. O contato entre os dois ganhou maior frequência quando Hilda Hilst já tinha 16 anos, como relata na entrevista “*Das sombras-entrevista*” concedida ao Caderno de literatura brasileira do Instituto Moreira Salles em 1999.

A essa altura Apolônio já havia sido diagnosticado com esquizofrenia-paranoide, entrando e saindo de clínicas psiquiátricas com alguma frequência. Hilda Hilst se formou advogada pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo, mas não exerceu a profissão. Começou a sua jornada literária em 1950, com a publicação de *Presságio*, um livro de poesia. A autora continua em São Paulo até 1963, quando decide mudar-se para os arredores de Campinas (SP). Em 1966, passa a residir na chácara Casa do Sol que construirá em um lote do terreno de sua mãe. No mesmo ano ocorre o falecimento de seu pai. Apolônio de Almeida Prado Hilst foi também poeta e escritor, publicando ora sob seu nome ora pelo pseudônimo Luís Bruma.

É interessante observar aqui a proximidade da história de Hillé com a da autora. Na entrevista “*Das sombras-entrevista*” publicada inicialmente para os Cadernos de Literatura brasileira do Instituto Moreira Salles em 1999, Hilda Hilst aborda a presença de figuras paternas em sua obra, afirmando que coloca um pouco de sua história com seu pai nos livros: “Quase todo o meu trabalho está ligado a ele porque eu quis. Eu pude fazer toda a minha obra através dele”. Na mesma entrevista a autora ainda fala de sua relação com a loucura, afirmando que sempre teve medo de ficar louca, categorizando esse como seu maior temor.

A autora relaciona esse medo com a história de seu pai. “Meu pai era esquizofrênico-paranoico. Desde cedo tive então muito medo de enlouquecer. [...] Comecei assim a me interessar pela loucura e por loucos. Quando você vê a loucura mesmo, ela é assombrosa. [...] Ele [seu pai] mudava completamente de uma hora para outra. Eu tinha muito medo de ficar assim. Então, essa coisa surpreendente dos loucos, essa desordem, tudo o que eu queria era ordenar aquilo, ordenar aquela desordem” (HILST, 1999). É curioso e rico observar como essa ordenação se manifestou em parte na produção literária.

Há um diálogo na obra aqui analisada que demonstra a conexão estabelecida por Hilda Hilst com a figura paterna, o diálogo remonta a partida do pai de Hillé, sendo implícito que ele levará algo consigo desse plano da existência;

“lúrida cara, arranjo nomes, palavras para guardar na arca

que arca?

não disseram isso? Porque guardei palavras numa grande arca e as levarei comigo, não disseram isso em algum lugar? então guarda para tua arca: lúrido, undívago, intáctil” (HILST, 2020, p. 57)

A sugestão de que a filha guarde consigo essas palavras alude ao carinho pela poesia e linguagem partilhado pelos dois.

## 2. Erotismo em A Obscena Senhora D.

Conforme apresentado nesta obra, Hilda Hilst envolve o leitor na questão da perda e seus tensionamentos com o sexual e o divino, através da escrita em fluxo de consciência. Retomo aqui a importância de conciliar forma e conteúdo, à medida que os recursos para condução de uma história ganham novos engendramentos com a técnica, a autora deve firmar o que deseja incluir. Isso para dizer que a escolha da autora em abordar esses assuntos de maneira tão intimista confere ao texto sua percepção de que os temas tratados na obra pertencem ao campo do que é mais inerente à condição humana. Vale também olhar para o contexto no qual a autora opta por fazer essas discussões acerca do luto e do erotismo.

A começar pela inauguração da fase erótica da obra. De acordo com Cinara Guimarães, 2007:

“A Obscena Senhora D foi, na verdade, o livro que teria desencadeado esta fase, devido, principalmente à utilização de uma linguagem considerada por muitos como “vulgar” ou de baixo calão, na qual figuram, por exemplo, os vários palavrões que a personagem Hillé utiliza para afugentar seus vizinhos.”

Esse aspecto de seu trabalho, embora amplamente criticado na época, ressoa na teoria psicanalítica justamente por potencializar deslocamentos de afetos. Nelly Novaes Coelho, ensaísta e crítica literária brasileira, observa em 1993, que existem dois tensionamentos fundantes da poética de Hilda Hilst: uma de natureza física, centrada na figura da mulher e sua fusão amorosa com o outro, e outra de natureza metafísica, situada entre o profano e o sagrado, tentando desvendar Deus.

É crucial retomar essa dimensão do trabalho da autora uma vez que o aspecto erótico de sua obra subverte a normatividade. Hilda escolhe a transgressão no começo da década de 1980 como modo de romper com o mercado editorial e apostando no apelo da literatura obscena para vender livros. É então veementemente criticada por esse movimento e deixada de lado nos

circuitos literários, o que repercute até hoje com a relativamente baixa circulação de suas obras.

A transgressão da artista ganha nova dimensão quando considerarmos o momento e contexto histórico. Ainda em período ditatorial no Brasil, frente a retomada dos valores da família tradicional brasileira, havia uma pressão repressiva sobre a expressão de tópicos ligados à sexualidade. Isso torna sinal de resistência a ação desta mulher que se apropria do discurso acerca do sexo, e que o faz relacionando o tema com questionamentos de ordem metafísica. A autora, todavia, se alinha a um movimento de espectro mundial que busca dar voz à mulher e, em seu discurso, reivindicar uma liberdade possível e necessária. O ato sexual de sua literatura não implica só a *petit-mort* do gozo, mas uma *petit-mort* da moralidade da sociedade e seus bons costumes, assim como outrora fez o Marquês de Sade e muitos outros obscenos do século XVII (NOVAES, 1996, p.9).

Para a análise da categoria erótica, profundamente implicada nessa obra, estabeleceu-se um paralelo com o trabalho de Georges Bataille. A opção por apresentar o tema, incorporando-o na discussão do luto e no eventual comentário acerca do sagrado torna a noção de erotismo hilstiano próxima a sua compreensão. Outro ponto que alinha esses autores é o posicionamento batailiano acerca da produção poética.

Para ele, a poesia, em sua pujança metamórfica, alcança tão bem quanto o erotismo o aspecto transgressor. O autor sintetiza que “A poesia conduz ao mesmo ponto como cada forma do erotismo; conduz à indistinção, à fusão dos objetos distintos. Ela nos conduz à eternidade, à morte, e pela morte, à continuidade: a poesia é l'éternité. C'est la mer allée avec le soleil. (a poesia é a eternidade. É o mar partido com o sol)” (BATAILLE, 1957, p. 18)

Entende-se também que a própria Hilda Hilst tinha proximidade com a obra de Bataille. A expressão “*lama sabactani*”, cunhada pelo autor no sentido de “uma súplica sem resposta”, é usada na obra de Hilda Hilst para em tom crítico ao diálogo com o divino. Observa-se ainda que “[...] George Bataille, pensador caro à autora por ser, como ela, movido por uma demanda de Deus que, oscilando do clamor ao ultraje, culmina na consciência trágica do abandono”

(MORAES, 2020, p.77). Não é à toa que a compreensão acerca do abandono é referenciada em diversos momentos pela viúva Hillé.

O erotismo entra em jogo à medida de se relaciona com o desafio da sacralidade. O erotismo, como estudado por ele, é entendido enquanto marca de sumidade na experiência interior humana. Fernando Scheibe, tradutor da obra *O erotismo do autor* coloca que:

“Para Bataille, o ser humano é um ser descontínuo. Nasce só. Morre só. Paradoxo é que se, por um lado, queremos sempre conservar essa descontinuidade (tememos a morte), por outro, sentimos falta da continuidade perdida ao nos percebermos como “indivíduos” (desejamos a morte). O erotismo é a dança, propriamente humana, que se dá entre esses dois polos, o do interdito e o da transgressão. O interdito, a proibição, o mundo do trabalho, da identidade, da conservação, da descontinuidade, torna o homem humano. Mas também faz dele uma coisa. A transgressão do humano é o ápice do humano. O erotismo é a experiência interior dessa transgressão, desse ápice: “A experiência interior do homem é dada no instante em que, quebrando a crisálida, ele tem a consciência de dilacerar a si mesmo, não a resistência oposta de fora.” (SCHEIBE, 2013, pp. 16-17)

A experiência interior trazida por Bataille ganha relevância para esse trabalho no que diz respeito a sua conceituação de fusão erótica, que demonstraria o maior flerte com a continuidade prévia à descontinuidade dos seres, mostrando a nostalgia primordial da continuidade a partir da dissolução das estruturas subjetivas que ocorre na fusão erótica, com a experiência da *petit-mort* (FONSECA, 2014, p.121). Por sua vez, a *petit-mort*, ou pequena morte, faz referência ao momento imediatamente após o orgasmo. Para Bataille, a pequena morte remete ao sagrado, uma vez que em sua visão é uma encenação do ritual de sacrifício humano que “priva a vítima de seu caráter limitado e lhe dá o ilimitado, o infinito que pertence à esfera sagrada” (LIMA, 2020, p.8).

Isso não se vê ilustrado especificamente em um trecho da narrativa de Hilda Hilst, no entanto, é a busca por responder questões metafísicas através dos inúmeros questionamentos de Hillé que demonstra essa dimensão na obra. Para mais, a diluição da personagem nas outras com as quais ela se relaciona, seja Ehad, ou a figura paterna mais para o final do livro, remonta a descontinuidade dos seres. Da mesma forma que, a centralidade das lembranças em Hillé pontua a continuidade dos demais nela, ainda que seja pela apreensão parcial registrada em sua percepção.

O ponto a respeito do abandono da figura divina entra na dança entre esses estados do ser. O clímax se define por sua efemeridade, e investimento em uma dinâmica de alternância de potências. Bataille ilustra isso através de imagens da relação sexual, todavia, é importante fazer uma breve contextualização histórico-temporal acerca de sua produção teórica, uma vez que concentra teorizações majoritariamente na relação sexual heteronormativa. Imagens como a seguinte:

“O amante não desagrega menos a mulher amada do que o sacrificador que sangra o homem ou o animal imolado. A mulher, nas mãos daquele que a assalta, é despossuída de seu ser. Perde, com seu pudor, essa firme barreira, que separando-a de outrem, a tornava impenetrável: bruscamente ela se abre para a violência do jogo sexual desencadeados nos órgãos da reprodução, abre-se à violência impessoal que a transborda de fora.” (BATAILLE, 2013)

Necessitam ser trabalhadas a partir de uma atualização da noção de gênero para que encontrem respaldo com as conceituações contemporâneas. A leitura que proponho parte do entendimento complementar das instâncias feminino e masculino no ser. De modo as características humanas tomem centralidade no lugar das categorias socialmente impostas de feminino e masculino. Entretanto, da maneira que a imagem enunciada pelo autor está construída, ela denota um subjugamento do feminino à relação exclusiva com o masculino. Dessa forma, excluí a relação homoafetiva da apreensão do sagrado

no erótico na imagem descrita acima. O que é curioso, visto que em consonância com a proposição batalliana de que o erótico é desgrudado da questão reprodutiva, a relação homossexual, ou a relação com uso de métodos preventivos de gravidez, deveriam deter um lugar de ainda maior imponência erótica.

Portanto, a leitura do autor que se faz nesse trabalho descentraliza o homem enquanto transgressor e a mulher enquanto vítima desse assalto a limitação, em busca de entender que ambas as expressões de gênero podem buscar ativamente as posições atreladas a continuidade e descontinuidade do ser. Dessa forma, quando Bataille, 1987, citado por Guimarães, 2007, coloca que o homem transforma a atividade erótica em busca psicológica, através do questionamento do ser, levando-o ao autoconhecimento, entende-se que essa busca pode ser exercida por qualquer pessoa implicada com esses questionamentos.

Posto isso, retoma-se a entrada do sagrado na relação sexual. O exemplo acima alude ao ato penetrativo, no entanto o foco da experiência sacra está na sujeição do controle corporal de um ser ao outro. A partir da ação sobre o outro há uma despersonalização, ou nos termos do autor, o confronto com o que vem de fora e expõe a dicotomia da continuidade e descontinuidade do ser.

Em *A Obscena Senhora D.*, Hilda Hilst faz menção ao distanciamento dos seres evidente na busca da protagonista por aproximar-se do falecido marido com convites sexuais. Enquanto isso, Bataille centraliza a conexão entre erotismo e morte na descontinuidade dos seres, afirmando que “entre um ser e outro há um abismo”. Na obra de Hilda aqui estudada esse abismo é marcado ainda pela perda material.

A morte entra nesse paradigma enquanto condição fundamental para a vida, apontando para a continuidade, com a qual a atividade erótica e a experiência do sacrifício flertam. Apesar disso, se mantém no entre, sem o comprometimento da entrega nem plena segurança, em que a imersão completa na continuidade exclui a parte da descontinuidade, sem a qual o fenômeno se mostra incompleto. As experiências do sacrifício e da atividade erótica não atiram o ser ao estado de continuidade da morte, mas o mantém na descontinuidade

em que ele se encontrava, perturbando-a a partir desse instante de continuidade (FONSECA, 2014, p.123).

Essa provocação é o que Hillé tenta infringir a Ehad em seu delírio, ela busca resgatá-lo de seu lugar estagnado enquanto morto, que ao entrar em relação com ela se configura como objeto perdido, a partir do ápice da relação sexual. Sua desavença com esse lugar se transmuta em desafio à personificação do divino, Deus, quando virá sua revolta e questionamentos a ele. A pujança transgressora da personagem é o próximo objeto de análise.

### **3. O movimento pulsional e a transgressão**

Dada essa proposição é possível derivar alguns entendimentos sobre a significância da obra de Hilda Hilst para efeito de transgressão. Bataille estabelece dois polos importantes em sua conceituação, o anseio pela conservação, exprimido do embate com a descontinuidade e a falta, derivada da percepção de continuidade perdida. A dialética impressa nesse paradigma coloca o ser entre o interdito e a transgressão. Os convites de Hillé para o sexo com Ehad demonstram a potência do imaginário por lançar-se ao ápice sexual transgressor.

Há ainda uma relação desses polos com as potências de Eros e Tânatos para a psicanálise. A teoria das pulsões, cunhada por Freud em meados de 1914, apresenta os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte. O conceito é inaugurado no texto *As pulsões e seus destinos* (1915), no qual é feita a distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego, sendo as primeiras referentes ao direcionamento da libido à objetos externos e a segunda um investimento na autopreservação.

O estudo da sexualidade está na gênese da psicanálise, tendo sido apresentada inicialmente em 1890, consolidou-se em 1905 com a publicação de "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", onde foi apresentada a teoria das pulsões. O desenho que tomou a construção dessa teoria coloca então a sexualidade no ponto de partida do entendimento da vida psíquica pela concepção psicanalítica.

A teorização em torno das pulsões sofre uma revisão, quando Freud as retoma em *Além do princípio do prazer* (1920). Neste momento da teoria ele postula que o antagonismo pulsional da psique passa a se concentrar nas pulsões de vida (Eros) e as de morte (Tânatos). O paralelo que estabelece esse antagonismo pulsional parece andar lado a lado com a proposição de Bataille, no qual também há duas forças em jogo, a continuidade e descontinuidade do ser.

Na teoria psicanalítica, as pulsões primárias se referem ao princípio do prazer, e Tânatos representaria a agressão/destruição que pode ser ou não convertida em algo socialmente útil, dependendo da dinâmica que constrói com Eros (SCARPIN, 2018, p.27). A agressão, ou destruição, representada por Tânatos, entendida aqui como o rompimento de integridade, é muito similar à imagem construída por Bataille na cena do sacrifício, aludindo a potência violenta do ato sexual.

No que se refere às definições das pulsões envolvidas nesse jogo, tem-se que, de acordo com o dicionário de psicanálise:

PULSÕES DE MORTE - No quadro da última teoria freudiana das pulsões, designa uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que tendem a reconduzir o ser vivo ao estado anorgânico. Voltadas inicialmente para o interior e tendendo à autodestruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma da pulsão de agressão ou de destruição. (...)

PULSÕES DE VIDA – Grande categoria de pulsões que Freud contrapõe, na sua última teoria, às pulsões de morte. Tendem a constituir unidades cada vez maiores, e a mantê-las. As pulsões de vida, também designadas pelo termo “Eros”, abrangem não apenas as pulsões sexuais propriamente ditas, mas ainda as pulsões de autoconservação. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 407)

A conceituação acerca das pulsões é revista nas leituras posteriores da teoria psicanalítica freudiana, especialmente com o retorno a Freud proposto por Lacan. A categoria do gozo, proposta pelo psicanalista francês, é oriunda das fundamentações expostas em *Além do princípio do prazer*. Martin (2014, p. 99), citando Lacan, descreve a fundamentação dessa ideia ao colocar que “O gozo definido como extremo do prazer, ou o seu equivalente, a dor valoriza a noção de amalgama da pulsão de vida e pulsão de morte.” Ainda, segundo ela, “Nesta perspectiva, uma parcela da pulsão de morte pode estar a serviço da pulsão de vida e, nesta mescla, nesta fusão pulsional, a pulsão de morte pode ser parcialmente erotizada”.

Essa proposição é especialmente interessante quando se relaciona o paradigma da continuidade de Bataille com a dinâmica das pulsões. Ao se adentrar o campo do erótico, ambas as proposições expõem uma categoria de confronto que não se pode apaziguar e que são centrais na experiência humana.

Esse paralelo, entre a posição psicanalítica e as proposições de Bataille, é evidenciado por Angélica Soares, na primeira parte de seu livro sobre as vozes femininas de liberação do erotismo na poesia brasileira. Segundo ela, as comparações entre concepções são similares às existentes acerca de Eros em Freud, Bataille e Platão. Ela destaca ainda “que, em *Além do Princípio de Prazer*, Freud nos fala do jogo permanente entre Eros e Tânatos, que põe em tensão os instintos de vida e os instintos de morte” (GUIMARÃES, 2007, p.66). A autora referenciada ainda deixa nítida a questão do desejo quando coloca que:

“a questão do desejo é nuclear no pensamento freudiano, onde se esclarece que o impulso constante em busca de um objeto capaz de gerar satisfação é o que move a vida psíquica; sendo esse móvel da vida psíquica, o desejo, inconsciente e primordial”. (SOARES, 1999, p. 23)

É em meio ao deslize do desejo no funcionamento psíquico que opera o conflito introjetado pela dinâmica pulsional. É nesse lugar que a obra de Hilda Hilst se coloca entre Bataille e Freud, a medida que o primeiro transpôs para a literatura as teorias do segundo e ainda trouxe o erotismo para a esfera do

sagrado, na qual a pulsão sexual e de morte se compara ao êxtase religioso, o que nos aproxima diretamente do conceito de Gozo lacaniano (SCARPIN, 2018, p.32). Em um de seus seminários Lacan aproxima o ápice sexual a aproximação com o divino ao dizer que “Esse gozo que se experimenta e do qual não se sabe nada, não é ele o que nos coloca na via da ex-sistência? E por que não interpretar uma face do Outro, a face de Deus, como suportada pelo gozo feminino?” (LACAN, 2008[1976], p.106). A noção de gozo, para ele conta com ainda com a ideia de transgressão da lei, uma vez que esta seria pautada pelo Outro em sua teoria.

O pensamento batalliano, por sua vez, assume uma noção de transgressão baseada derivada da compreensão de soberania elucidada por ele. Em linhas gerais, a transgressão batalliana não configura a ausência de limites, nem a sua superação definitiva. A transgressão é justamente a tensão entre o campo do desejo e o campo da lei (MARTIN, 2014, p.71).

O texto de Hilda Hilst encontra essa potência entre essas discussões teóricas conforme suas personagens vivenciam fantasias e exploram desejos que tensionam os limites do campo simbólico. Em *A Obscena Senhora D.*, a questão da transgressão é vista em momentos que Hillé desafia a materialidade do falecimento de seus entes queridos. Ao fazê-lo, ela tenta, mesmo que delirante, romper com a condição primordial da existência. No tensionamento característico da transgressão seu desejo é de retomar aquele que a definia. Em busca de sua identificação, enquanto ser descontínuo, ela necessita de Ehad, quem a descrevia e adjetivava. Um movimento similar é feito entre ela e a figura paterna.

Como visto no seguinte questionamento que brinca com uma conversa para o suposto outro lado da vida; em meio ao diálogo enuviado é presentificada a conversa na qual o pai da personagem diz “lembra-te que perguntaste como fica a alma na loucura?” ao que ela responde “quando te fores, responde-me de lá”. Esse tensionamento para romper a barreira da existência coloca tal capacidade no afeto sobre o qual se baseiam ambas as relações. A vinculação com a figura paterna é uma constante na obra hilstiana, e alude à relação da

autora com a masculinidade. No trecho do qual esse questionamento é retirado esses homens da vida de Hillé discutem seu bem-estar.

O olhar pelas lentes da psicanálise permite ver, por exemplo, Ehad como o objeto perdido da Senhora D. Vemos em todo seu conversar as marcas do investimento libidinal da personagem. O desejo ainda é mobilizado pela obtenção de uma suposta completude do objeto de identificação, nesse caso Ehad. Esse lugar de êxtase buscado pela personagem é de caráter inapreensível, tornando-se delirante, pelo fato desse objeto ter sido interdito irremediavelmente pela morte.

Pode-se ler a mobilização da personagem Hillé ao longo da história como correspondente à saída do luto, uma vez que a voz de Ehad está em constante diálogo com a dela, ocupando grande parte do livro. Ao mesmo tempo que toda a obra vem de Hillé, algo repetidamente pontuado pela afirmação de que ele está morto. Vale conferir a devida importância para a impossibilidade de solucionar a equação do desejo e interdito da lei na situação de Hillé, algo que é sumidade no desfecho do livro com a morte da personagem.

Cabe ao próximo trecho da discussão adentrar a dimensão do luto como sinalizado pela Obscena Senhora D.

#### **4. Luto em A Obscena Senhora D.**

Olharemos o luto de Hillé partindo da noção de luto psicanalítica, introduzida por Freud em *Luto e Melancolia* (1917), como “a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (FREUD, 1917, p. 129). Em concordância com a proposta de compreender as estruturas psíquicas em jogo no processo de luto, como ilustradas na obra em questão, acompanharemos a escrita de Hilda Hilst conforme apresenta as tentativas e recursos da personagem imersa no luto.

O processo de transformação do eu, vivido pela personagem analisada, parte de uma necessidade de desacoplamento dela com o objeto perdido, neste caso o marido. O deslocamento do ego de uma posição acoplada a esse ente perdido para o reinvestimento libidinal em outros objetos é um movimento necessário para a saída do luto.

Dessa forma é interessante observar o percurso da noção de luto na psicanálise. A conceituação inicial de Freud nas conferências de 1917, coloca que se trata de um doloroso processo, no qual há uma perda de interesse pelo mundo externo e da capacidade de escolher um novo objeto de amor. De acordo com o postulado, há uma necessidade de reorganização libidinal de investimento em objetos que mobilizam o eu e o moções inconscientes. Essa proposição coloca a psicanálise como perceptora da pluralidade de lutos, uma vez que entende que ele pode ser vivenciado tanto frente à morte propriamente dita, como a uma perda subjetiva (SOUZA *et. al.*, 2016, p.70).

Há, ainda, um quê de normalidade no estado de luto, os sentimentos de tristeza frente a perda “podem ser o sinal de que um importante trabalho subjetivo está em marcha, operando a perda do objeto e implicando uma remodelagem do eu” (RIVERA, 2012, p. 235).

A história de Hillé conta com a retração da personagem para dentro de si, a serviço da organização em torno de Ehad. A própria decisão da autora de escrever em fluxo de consciência demonstra um nível de introspecção crucial para retratar o processo de luto da maneira sensorializada e imersiva que o texto hilstiano atenta. Em sua conferência Luto e Melancolia, Freud categoriza a melancolia como um quadro de suspensão do interesse do sujeito pelo mundo externo, com uma acentuada diminuição de autoestima, podendo até mesmo chegar a desenvolver uma expectativa delirante de autopunição (FREUD, 1917).

Isso condiz com a apresentação de Hillé, que no início do livro encontra-se morando debaixo do vão da escada e sendo estranhada pelas pessoas da comunidade que a circunda devido seu isolamento em casa, seus eventuais urros janela afora e o recente hábito de olhar todos de maneira incompreensível. Esse retrato de Hillé diz de um estado desconectado da pessoa em situação de luto com o mundo no qual se insere, uma despresentificação.

Mais atualmente, a autora estadunidense Judith Butler pondera que ao colocar o luto e a pergunta “quem sou eu sem você?” no centro de sua reflexão, a autora oferece algumas pistas para que possamos compreender o que ela considera como a interdependência inevitável entre as pessoas e como a noção de relacionalidade parece insuficiente para dimensionar o quanto somos não apenas constituídos a partir de nossas relações, mas também “desfeitos uns pelos outros”. É também nesse ensaio que, ao questionar quem conta como humano e quem é real, Butler esboça uma ideia de “desrealização”, processo pelo qual o “Outro” não é considerado nem vivo nem morto, mas em um estado interminavelmente suspenso e espectral (FREIRE, 2020, p.44-54).

Hilda então corporifica essa desrealização ao levar a personagem a questionar o próprio corpo:

“Também não compreendo o corpo, essa armadilha, nem a sangrenta lógica dos dias, nem os rostos que me olham nesta vila onde moro, o que é cada, conceito, o que são pernas, o que é ir e vir, para onde Ehud, o que são senhoras velhas ...”

Ao mesmo tempo que atrela sua identidade à memória do toque do marido:

“deves ouvir Mussorgsky, nem sonatas, nem trios, nem quartetos de cordas, só vida, palpitação. Se pudesse esquecer, Hillé, teias, torsões, sentir a minha mão sem teu vivo-morte, te acaricio apenas, olha, é a mão de um homem, vê que simples, dedos, mornura, te acaricio apenas, e tua pele teu corpo vai sentir a minha mão como se a água te circundasse, não sou eu Ehud experienciado em ti, me vêes como nunca me pude ver, eu Ehud não sou esse que vivencias em ti, és Hillé apenas, Hillé que pode ser feliz só sendo tocada, não é bom?” (HILST, 2020, p. 44)

A obra de Hilda Hilst possui a característica singular de evocar a sensorialidade do corpo em texto, um feito que realiza a difícil tarefa de reunificar corpo e mente. Dessa forma, enquanto autora, ela desafia a premissa da dualidade corpo/mente, brincando com a percepção do leitor. O que cabe à presença corpórea da personagem são as descrições e provocações sexuais, que lhe conferem materialidade. No entanto, essas mesmas descrições e provocações estão envoltos em um emaranhado de lembranças. A brincadeira fica nesse pêndulo, ora na fisicalidade de Hillé, ora em seus devaneios. Há, entretanto, um movimento de investimento e reinvestimento libidinal nesse balanço. Cabe explorar ainda que a questão da economia libidinal é central na conceituação do luto.

Na diferenciação do luto e melancolia entende-se o papel fundamental da materialidade dessa perda. No caso do luto, processo naturalizado, o objeto é de identificação imediata, enquanto na melancolia a perda é de um objeto ideal. Essa perda melancólica também pode significar o desaparecimento de um lugar aos olhos do outro e, portanto, o desaparecimento de uma faceta do ser. A não identificação do elo perdido frente a passagem de alguém ou mudança de conjuntura é o que torna inalcançável o doloroso sentimento de falta, assim como a impossibilidade de reaver aquele estado do ser. Como Freud, 1917, coloca:

“Esse caso poderia apresentar-se também quando a perda que ocasionou a melancolia é conhecida do doente, na medida em que ele sabe *quem*, mas não o *que* perdeu nesse alguém. Isso nos inclinaria a relacionar a melancolia, de algum modo, a uma perda de objeto subtraída à consciência; diferentemente do luto, em que nada é inconsciente na perda.”

O trabalho do luto, ainda que bastante familiar, contínua de tempo e forma indeterminadas. Essa falta de contato com o tempo presente expressa no comportamento da personagem, que a mantém em uma espécie de suspensão dos desejos, vai ao encontro do modelo freudiano do aparato psíquico. O tempo da pulsão, regulado pelos modos de satisfação e pela repetição, seria cíclico; tempo de eterno retorno, comandado pela tendência predominante da pulsão de

morte. Já as formações do inconsciente são atemporais: os processos inconscientes não tomam em consideração a passagem do tempo (KEHL, 2009).

Enquanto a dor do sofrimento parece contrária à teoria da economia libidinal, a prática da elaboração depende de um desinvestimento libidinal por meio de redirecionamento da libido. José Antônio Cavalcanti analisa os esvaziamentos da perda na obra hilstiana ao retomar algumas passagens:

“Há um exílio deliberado: “Não pactuo com as gentes, com o mundo, não há um sol de ouro no lá fora” (Hilst, 2001: 25). Morar no exílio é habitar o abismo do ser. As máscaras não ocultam, antes são revelações da identidade, melhor, formas de busca.” (CAVALCANTI, 2008, p.134)

Em *A Obscena Senhora D.*, Hillé demonstra a manifestação das pulsões, especialmente marcadas pelo desejo sexual. No entanto, as direciona ao falecido marido, e aí está o tensionamento entre a economia libidinal e o princípio de realidade. A condução da libido ainda está referida à Ehud, seu objeto perdido. O princípio de economia libidinal prevê que a desvinculação desse objeto como muito custosa, no entanto, chega um ponto no processo do luto que se faz necessária a desvinculação, uma vez que a ausência do ente perdido significa a não obtenção da satisfação pulsional.

Aqui entende-se a razão das conversas de Hillé com Ehud, os temas de seus diálogos pertencem aos enfrentamentos dela. Ao atravessar a memória dele para obter soluções, como acontece no trecho em que ele lhe remete ao autocuidado, ela resgata elementos da identificação de seu lugar junto ao marido e consegue também abordar algo da sua realidade.

Entendemos melhor esse processo na metáfora do oleiro de Lacan. Ele explica a produção de um vaso a partir do material, porém em torno no vazio. Essa imagem pode traduzir a tessitura desses novos afetos no mundo. A pessoa enlutada passa por uma reorganização dos significantes que tinham uma amarração ao que foi perdido, a prática de novas atividades descreve essa reestruturação em busca de um novo ponto de amarração, naturalmente elusivo.

Mas é o caráter repetitivo das tarefas, especialmente as que acionam diversos pontos de referência do indivíduo, que mobilizam uma série de afetos,

que fazem deslizar a libido no aparelho psíquico. É necessário pontuar que o sentido de perseguição do Real se deve à insatisfação pulsional que mantém o dinamismo da psique. Dessa forma não haverá substituição do objeto perdido, assim como não havia uma completa satisfação em sua presença.

Em razão da necessidade desse deslizamento pulsional entende-se a potência da criação na sublimação dos afetos durante o processo de luto.

“O medo de perder ou sentir dor pelo que já foi perdido – que estão na base das ansiedades depressivas – suscitam o desejo de restaurar e recriar tanto os objetos amados quanto o próprio mundo interno que foi destruído. E é esse desejo de restaurar que leva à capacidade de criar e de sublimar.” (VIEIRA, CINTRA, 2016, p.52)

Em conformidade com a proposta aqui apresentada, levanta-se como hipótese que todo autor implica algo seu na produção escrita. O que é comprovado pela aquiescência dos conceitos psicanalíticos em suas diversas aplicações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos aqui que a expressão criativa, sendo ela literária ou não, se mantém atemporal em seu potencial sublimativo. A escrita acadêmica tem o mérito de ser uma construção coletiva através do tempo, com a constante retomada e releitura teórica. Esse exercício é extremamente rico pela rede de referências e pelo exercício relacional envolvido. Entretanto, no que tange à acessibilidade dos temas discutidos a escrita acadêmica é insuficiente.

A origem das discussões na academia são textos elaborados por meio de muito estudo com linguajar condizente com leitores proficientes. Infelizmente, esse modo de expressão do pensamento e questionamento da realidade por si só não é capaz de reverberar em outros ambientes que não o acadêmico.

A literatura, em contrapartida, conta com espaços mais inclusivos. Além disso, também funciona como mosaico de referência, ainda que não creditadas sob uma norma de padronização, são perceptíveis às influências de movimentos e de escritores renomados em infinitos trabalhos autorais.

O que se fez nesse trabalho e conclui-se a partir dele é que a poesia é extremamente potente na mobilização de afetos, no delinear do funcionamento das relações de desejo e da aproximação de discussões metafísicas. Por meio da imersão nas obras aqui estudadas, pode-se observar que ambas reverberam questões da intimidade do ser humano e das formulações psíquicas, de modo que são análogas às formulações psicanalíticas. A relevância dos apontamentos presentes na obra *A Obscena Senhora D.* para conceituações teóricas no campo da psicanálise se formaliza pela defesa batalliana do lugar da poesia enquanto correlata à experiência erótica.

Tem ainda algo da forma do texto que se alinha à ideia de transgressão da lei, da irreverência frente à regra, que diz de uma superação da estrutura e da vazão para energia libidinal irrefreavelmente. Isso é visto pela opção de Hilda Hilst em escrever em fluxo de consciência, fazendo uso de paragrafações e pontuações descoladas das normas comuns a gramática portuguesa. Mesmo que essa pareça uma pequena transgressão, sua ocorrência é de extrema

importância para a afirmação da artista e sua obra enquanto transgressoras e proponentes de um novo modo de comunicação.

É por meio dessa obra que Hilda Hilst se aproxima à dinâmica pulsional na busca pelo cessar da incompletude. Aqui, a obscenidade, que ousa romper o tabu do sexo para se envolver nas peculiaridades do erotismo, se aproxima da relação confronto da perda.

Junto a isso, está imerso o anseio pelo toque do outro e nele o desejo inominável de ver em xeque a materialidade da própria existência na busca da continuidade no outro. Através dos anseios pelo retorno do marido, Hilst exemplifica a vontade de questionar a existência para conferir veracidade à presença de um elo fantasioso.

A relação entre o erótico e a morte é amplamente explorada no livro de Hilda Hilst, assim como é feito na obra de Bataille. Ambas reverberam questões da intimidade do ser humano e das formulações psíquicas, de modo que são correlatas às formulações psicanalíticas. De modo que se alinha aos temas aqui explorados, dado o objetivo de contemplar a relevância dos apontamentos presentes na obra *A Obscena Senhora D.* para conceituações teóricas no campo da psicanálise.

## REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. A ensaística e o trabalho científico. *Logos*, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 14-17, jan. 2015. ISSN 1982-2391. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14792>>. Acesso em 09 nov. 2021.

BARROS, B de., FONSECA, B. Nostalgia da continuidade: erotismo e pulsão da morte em Bataille e Freud. *Pólemos*. 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/44115985/Nostalgia\\_da\\_continuidade\\_erotismo\\_e\\_puls%C3%A3o\\_da\\_morte\\_em\\_Bataille\\_e\\_Freud](https://www.academia.edu/44115985/Nostalgia_da_continuidade_erotismo_e_puls%C3%A3o_da_morte_em_Bataille_e_Freud) Acesso em 28 de maio de 2022.

BATAILLE, G. O Erotismo. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Hilda Hilst. Instituto Moreira Salles. São Paulo, 1999.

CARVALHO, C. A mulher no vão da escada. In: CUNHA, Helena P. *Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e poesia (anos 70/80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

CAVALCANTI, J. A. A obscena senhora D: uma narrativa de deslocamento. *Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários*, [S.l.], v. 12, p. 132-143, mar. 2016. ISSN 1678-2054. Disponível em: <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24861>>. Acesso em: 28 abr. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5433/1678-2054.2008v12p123>.

CAZANATTO, E. e M., KUHN, M. A Perda de um(a) Filho(a) Jovem no Romance *Paula*, de Isabel Allende. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2014, v. 34, n. 03, pp. 540-554. Disponível em: <

3703001212013>. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001212013>. Acesso em 11 de junho de 2021.

COELHO, A. de A. Um estudo sobre a teoria pulsional na psicanálise. Acheronta. Revista de Psicoanálisis y Cultura n.9 jul. 1999. Disponível em: <https://www.acheronta.org/acheronta9/pulsoes.htm> Acesso em 28 de maio de 2022.

EDLER, S. Luto e melancolia: à sombra do espetáculo. 1ª ed. Civilização Brasileira, 2008

FREIRE, L. BUTLER, J. 2019. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica. 189 pp.. Mana [online]. 2020, v. 26, n. 1, e261801. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1678-49442020v26n1r801>>. Epub 23 Mar 2020. ISSN 1678-4944. <https://doi.org/10.1590/1678-49442020v26n1r801>. Acesso em 15 de maio de 2022.

FORTES, I. A dimensão do excesso: Bataille e Freud. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]. 2010, v. 13, n. 1, pp. 9-22. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982010000100001>>. Epub 20 Jul 2010. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982010000100001>. Acesso em 9 de maio de 2022.

FREUD, S. Luto e Melancolia. Tradução: Marilene Carone. Cosac & Naify. São Paulo, 2011.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios (1908 [1907]/1980). In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad.de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. IX. p.147-159.

GUIMARÃES, C. L. A obscena Senhora D, de Hilda Hilst, e as relações entre Eros, Tânatos e Logos. Orientadora: Profa. Dra. Liane Schneider. 92. Dissertação (Mestrado) – Literatura e Cultura, Letras, IUFPB, João Pessoa, 2007.

HILST, H. Obscena Senhora D. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

hooks, b. Eros, Erotismo e o processo pedagógico. *In.*; hooks, b. Ensinando a transgredir. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. WWF Martins Fontes, 2017

HUMPHREY, R. O Fluxo da Consciência. Tradução de Gert Meyer. São Paulo, Ed. Mc Graw-Hill do Brasil Ltda., 1976

JAMES, W. On Some Omissions of Introspective Psychology. *Mind*, Vol. 9, No. 33 (Jan., 1884), pp. 1-26 (26 pages) Oxford University Press

LACAN, J. O seminário 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: M.D. Magno. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. O seminário, livro XX: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 [1975].

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, B. Vocabulário da Psicanálise. 9ª edição. São Paulo, Editora Martins Fontes. 2001 [1986]

LIMA, A. da S. La petite mort: Uma metanoia erótica pela estetização do pecado. Orientador: Prof. Dr. Geraldo de Souza Dias Filho. 2020. 87. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde->

[08032021-160311/publico/AlamdaSilvaLimaVC.pdf](https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2948) Acesso em 28 de maio de 2022.

LIMA, W. J. de. Resenha do livro "O Erotismo". Revista Eletrônica História Em Reflexão, 7. 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2948> Acesso em 28 de maio de 2022.

MAESSO, M. C. O tempo do luto e o discurso do Outro. *Ágora*, Rio de Janeiro, v.20 n. 2, ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/g8mKhDtBM6pMq8cM3Q8gjYf/?lang=pt> Acesso em 27 de maio de 2021. <https://doi.org/10.1590/1809-44142017002004>

MARTIN, C. A. Erotismo e transgressão em Georges Bataille e Jacques Lacan. Orientador: Prof. Marcus André Vieira. 2014. 89. Dissertação (mestrado)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2014. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25458/25458.PDF> Acesso em 28 de maio de 2022.

MORAES, E. R. A obscena senhora Deus. Posfácio. In: HILST, H. A obscena senhora D. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p.69-73.

MORAES, E. R. Topografia do risco: o erotismo literário no Brasil contemporâneo. *Cadernos Pagu* [online]. 2008, n. 31, pp. 399-418. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000200017>. Epub 15 Jan 2009. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000200017>. Acesso em 27 de abril de 2022.

NETTO, P., CARDOSO, K. N., REZENDE, M. Sexualidade e pulsão: conceitos indissociáveis em psicanálise? *Psicologia em Estudo*. 2012, v. 17, n. 3, pp. 529-

537. Disponível em: Epub 23 Abr 2013. ISSN 1807-0329.  
<https://www.scielo.br/j/pe/a/ZGSSYR86pCkGRJS8cdX5dsv/?lang=pt#>

NOVAES, A. Libertinos libertários. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RABATE, J.M. Psicanálise e literatura: por que, hoje?. Trivium, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 162-171, dez. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912017000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912017000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 maio 2021. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2017v2p.162>.

SADDI, L. Erotismo: e onde fica o amor? Ide (São Paulo), São Paulo, v. 34, n. 52, p.206-210, ago. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062011000100020&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000100020&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 abr. 2022.

SCARPIN, A. A teoria psicanalítica das pulsões na trilogia obscena de Hilda Hilst. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia - Faculdades Integradas de Ourinhos. Ourinhos, São Paulo, 2018.

SOUZA, A. M. S.; PONTES, S. A. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise. Analytica. São João del-Rei. v. 5, n. 9. p. 69-85. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v5n9/07.pdf> Acesso em 28 de maio de 2022.

TAVARES, J. L. C. D., O laço de Eros entre a literatura e a psicanálise. Jornal de Psicanálise. 52.(97), 35-50, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v52n97/v52n97a04.pdf> Acesso em 28 de maio de 2022.

VIEIRA, L. L., LIMA, P. M. R. de. Sublimação e a escrita criativa: aproximações com Virginia Woolf. **J. psicanálise**. São Paulo, v. 52, n. 97, p. 67-82, dez. 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352019000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352019000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 16 jun. 2021.

VIEIRA, M. R. J., CINTRA, E. M. de U. O Trabalho Criativo: Perda, Luto E Metáfora. *Gerais: Revista Interinstitucional De Psicologia*, 9 (1), Jan -Jun, 2016, 50 – 66. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v9n1/v9n1a05.pdf> Acesso em 17 de março de 2022.

WAGNER, T. M. C. A morte e o tempo em Hilda Hilst: reflexões psicanalíticas. *Antares: Letras e Humanidades*. v.6, nº11. jan-jun 2014. Caxias do Sul, 2014. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/antares-caxias-do-sul/articulo/a-morte-e-o-tempo-em-hilda-hilst-reflexoes-psicanalitic> Acesso em 28 de maio de 2022.